

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**Inovações submarinas da Marinha dos
EUA para a Segurança Nacional**

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 186 • 13 de julho de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [USS VIRGINIA \(SSN 774\)](#)

Por: Marinha dos Estados Unidos

Fonte: Picryl

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Ribeiro de Paula (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Isabela Sússekind Rocha Torres (PUC-Rio)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora Azevedo Osuna Bittencourt (UFRJ)
Lohanna Rodrigues Reis (USP)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

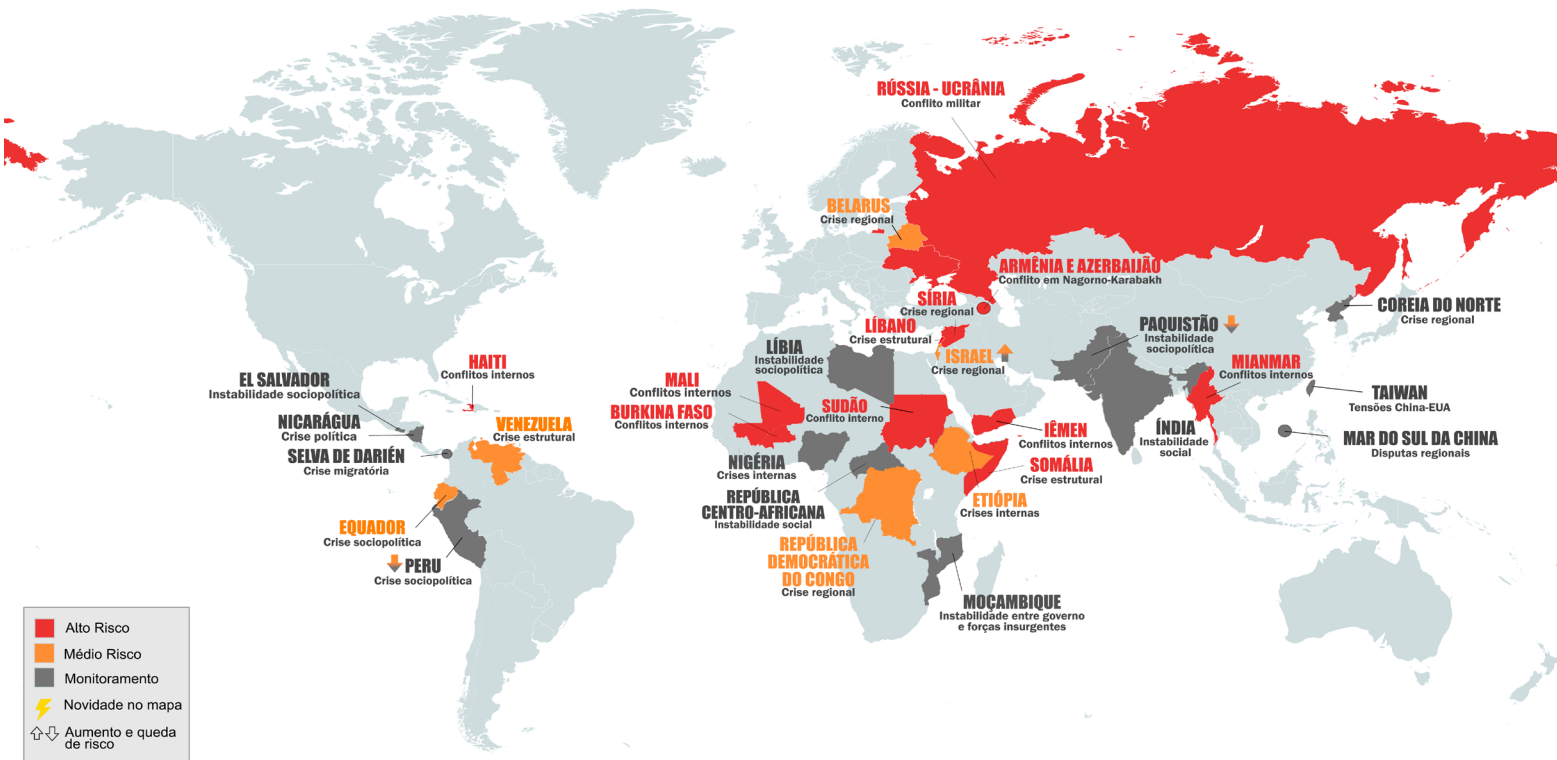


SUMÁRIO

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Suriname: descobertas de novas reservas de petróleo ampliam o interesse internacional5</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>Os efeitos da seca no Canal do Panamá6</p> <p>Inovações submarinas da Marinha dos EUA para a Segurança Nacional7</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>O paradoxo do desenvolvimento diante do projeto energético senegalês8</p> <p>EUROPA</p> <p>Reflexos geopolíticos da primeira Estratégia de Segurança Nacional alemã9</p> <p>Novas descobertas de hidrocarbonetos romenos podem impulsionar o <i>downstream</i> europeu9</p> <p>ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA</p> <p>Arábia Saudita e as mudanças diplomáticas com os Estados Unidos10</p> <p>Geopolítica do Gás Natural: a co-dependência entre Israel e Egito11</p>	<p>LESTE ASIÁTICO</p> <p>O papel japonês na expansão da OTAN no Indo-Pacífico 12</p> <p>Xi Jinping e o fortalecimento das Forças Armadas chinesas 13</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Autossuficiência e segurança: os avanços da indústria naval indiana 14</p> <p>SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA</p> <p>AUKUS e a indústria de construção naval: o que esperar após a entrega dos submarinos contratados? 15</p> <p>TEMAS ESPECIAIS</p> <p>União Europeia está próxima de regulamentar o uso de Inteligências Artificiais... 16</p> <hr/> <p>Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 17</p> <p>Calendário Geocorrente..... 17</p> <p>Referências..... 18</p> <p>Mapa de Riscos..... 19</p>
--	---

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

Suriname: descobertas de novas reservas de petróleo ampliam o interesse internacional

Gabriel Augusto

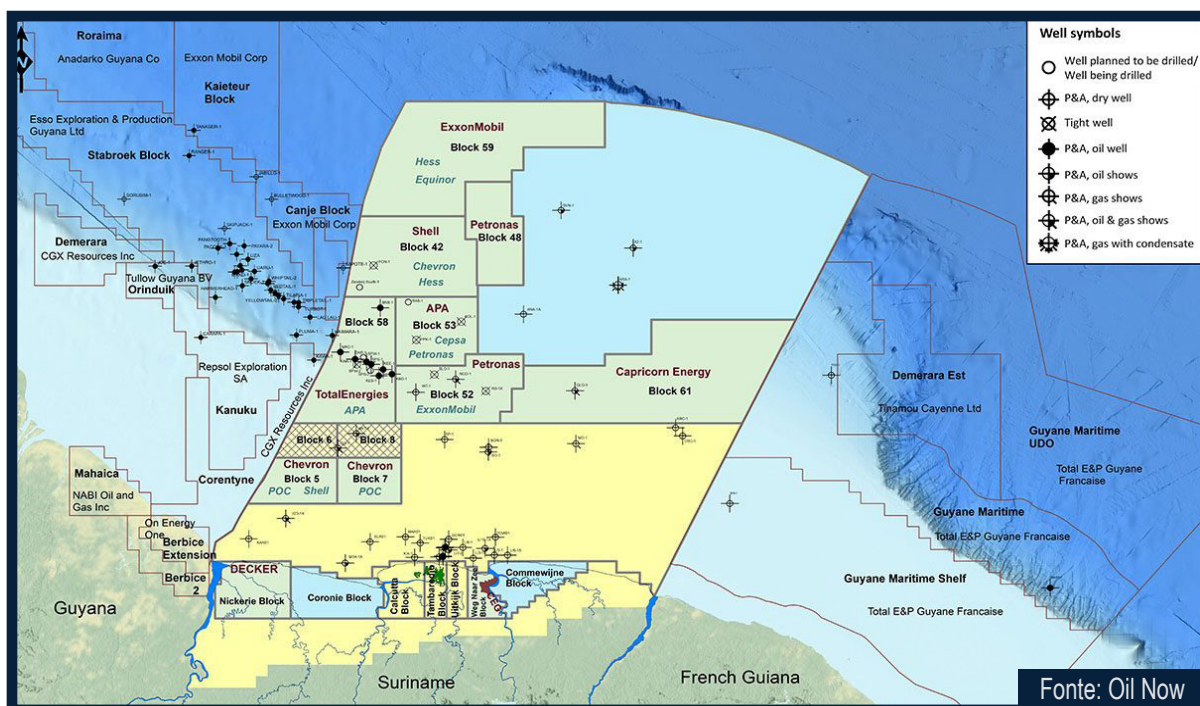
Em 2023, o Suriname tem sido foco de atenção no cenário marítimo pelos investimentos financeiros de duas empresas *joint ventures*, *QatarEnergy* e *Total Energies* em seu território. Recentemente, ambas as companhias celebraram dois Contratos de Partilha de Produção (PSCs, na sigla em inglês) para operar em dois blocos *offshore* no país. A *Total Energies*, que já possui uma presença consolidada no mercado sul-americano, tem acesso a exitosas descobertas de petróleo na região. Diante desse contexto, questiona-se: quais são as motivações estratégicas que estão levando esses grupos a explorarem o território surinamês?

A *QatarEnergy*, companhia estatal petrolífera do Catar, busca alcançar novos mercados expandindo sua influência para além do eixo Ásia-Europa; sua entrada no setor energético surinamês é fruto da recente descoberta de reservas de petróleo e gás no país. Comparável ao volume encontrado em países asiáticos, essa detecção se mostrou uma das mais importantes da região nos últimos anos, aprofundando o interesse das companhias estrangeiras, como o caso da empresa catari que objetiva a exploração de águas rasas no país, considerando seu promissor potencial petrolífero. Para isso, a assinatura do acordo dos PSCs foi fundamental, garantindo uma participação de 20% na operação dos blocos seis e oito e

dividindo o restante das operações com a *Total Energies* e a *Paradise Oil Company* — companhia privada do Suriname. Dessa forma, observa-se a expansão do posicionamento da *QatarEnergy* em localidades até então inexploradas pela empresa, buscando o desenvolvimento do comércio catari mediante colaborações estratégicas.

Por outro ângulo, as recentes conquistas da empresa francesa, *Total Energies*, têm sido substanciais para o fortalecimento das *joint ventures* no território. No início de 2023, por meio da cooperação estabelecida com a empresa estadunidense *APA Corporation*, foi prospectado no bloco 58 mais de 200 milhões de barris de petróleo, aumentando o potencial para estabelecer uma área de lucrativa exploração de hidrocarbonetos. Com isso, o Suriname poderá produzir até 650 mil barris por dia até 2030.

Em síntese, os interesses marítimos no país são resultados de uma busca por potenciais zonas de mercado petrolífero que é impulsionada pela corrente expansionista, que marca igualmente a inserção de novos atores na bacia sul-americana. O panorama atual revela um crescente interesse pelo Suriname, que possui um potencial contínuo de atração de investimentos e de interesses estrangeiros.



Os efeitos da seca no Canal do Panamá

Victor Cabral

As mudanças climáticas já são palpáveis, afetando diversas estruturas sociais, inclusive o transporte marítimo. O Canal do Panamá, dependente do abastecimento das suas eclusas pelo lago Gatún — que sofre com os períodos de secas —, pode ser severamente impactado com o avanço das mudanças climáticas. Nesse sentido, quais impactos podem ser percebidos atualmente? Quais são os atores afetados?

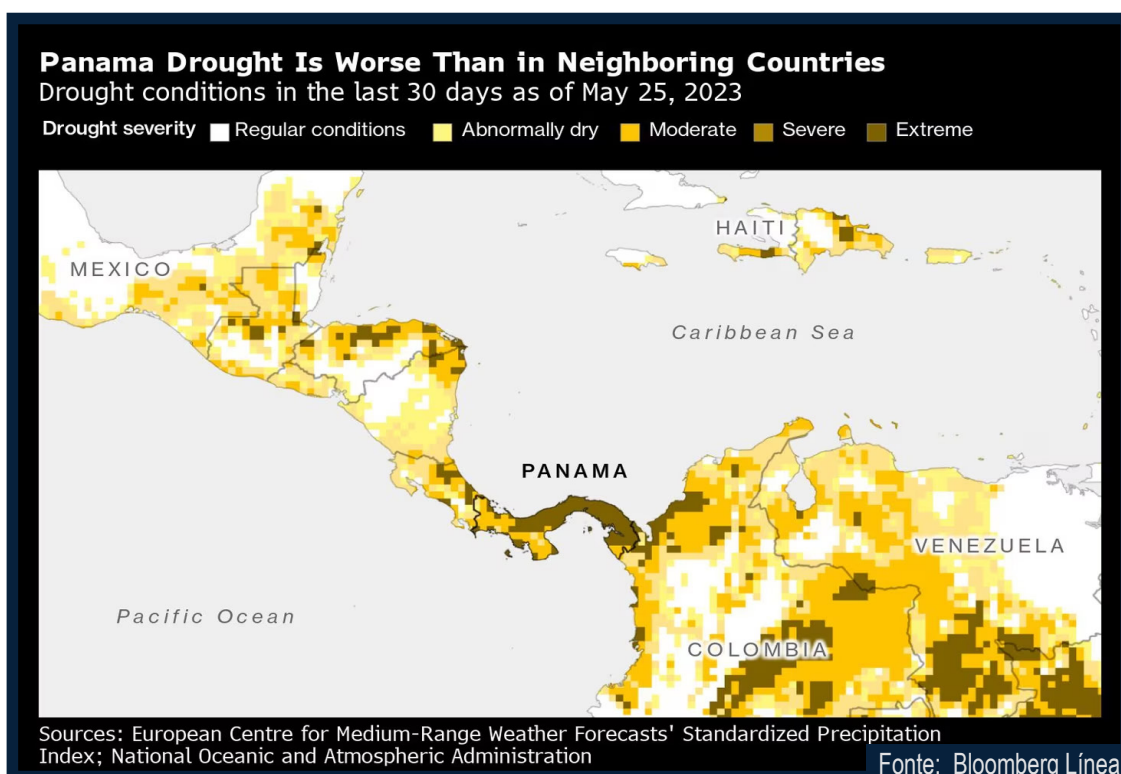
Nos 80 km de extensão do Canal circula aproximadamente 3,5% do comércio global, especialmente via embarcações porta-contêineres, petroleiras e transportadoras de gás natural liquefeito. Os Estados Unidos da América (EUA) são o principal cliente do Canal, com 40% de seu tráfego de contêineres cruzando o empreendimento anualmente, além de ser a fonte e o destino de 73% do fluxo de mercadorias que ali circulam. Dessa forma, problemas como a seca e a redução do trânsito no Canal afetam também a economia estadunidense.

Desde o início de 2023, a Autoridade do Canal do Panamá determinou sucessivas reduções dos calados dos navios porta-contêineres *neo-Panamax*. No final de junho, o calado máximo permitido era de 43,5 pés devido à seca. A Autoridade também reduziu para 32 a quantidade de embarcações que podem transitar

diariamente por suas eclusas, visando economizar água. Isso ocorre porque eclusas mais antigas, sem tecnologia para reaproveitamento de água, desperdiçam mais de 180 milhões de litros por cada travessia de navio.

Mesmo com o início do verão e da temporada de chuvas, o fenômeno climático *El Niño* preocupa a Autoridade do Canal do Panamá pelas possibilidades de novas reduções de calado e da quantidade de navios a atravessarem-no diariamente. O *El Niño* promove o aquecimento das águas do Pacífico sul, reforçando as chuvas e inundações no sul da América do Sul e a seca no norte do continente e na América Central. Caso sua ocorrência este ano seja intensa, o Canal pode sofrer novas restrições pela redução do nível do lago Gatún, encarecendo o frete marítimo e aumentando o tempo de travessia devido à busca por transportes rodoviários e ferroviários alternativos.

O Canal do Panamá é uma infraestrutura crítica marítima vulnerável às mudanças climáticas já em curso: na seca, a queda nos transportes incide na inflação de *commodities* e mercadorias, tornando-se um problema econômico a todos os seus clientes. Assim, faz-se necessário o investimento estrangeiro em alternativas ao Canal, especialmente por atores como os EUA, devido aos efeitos da crise do clima em seu comércio via Panamá.



Inovações submarinas da Marinha dos EUA para a Segurança Nacional

Luísa Barbosa Azevedo

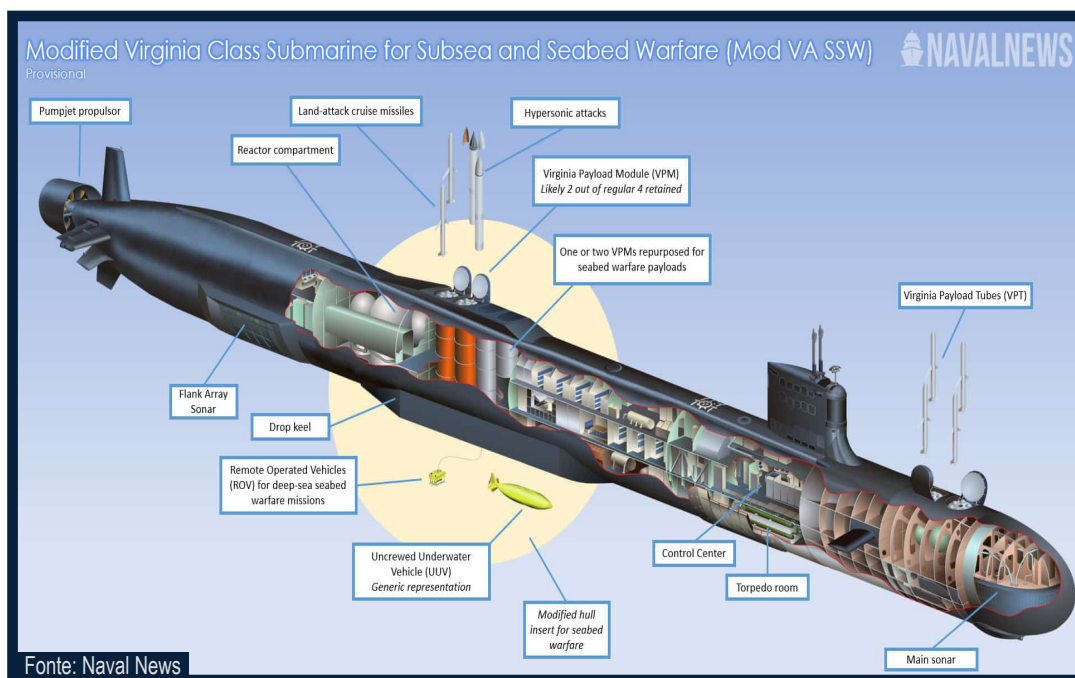
O leito oceânico deverá ser a nova fronteira da competição geopolítica global. Potências globais como os Estados Unidos (EUA) focam na proteção das infraestruturas críticas submarinas, a exemplo de oleodutos, exploração mineral e cabos submarinos. Nesse contexto, em abril de 2023, a Marinha dos EUA investiu US\$ 5,1 bilhões no projeto do *Virginia SSW*, um submarino de ataque modificado da classe *Virginia* com capacidade de operação no leito oceânico. Nesse contexto, como esse projeto está inserido na Estratégia de segurança nacional dos EUA?

As operações de infraestrutura submarina da Marinha dos EUA remontam à Guerra Fria (1947-1991), como a Operação *Ivy Bells*, voltada para a interceptação de redes de comunicações soviéticas. Desde então, os submarinos estadunidenses equipados para essas operações pertencem à classe *Seawolf*, estando o principal, *USS Jimmy Carter (SSN-23)*, operando há 20 anos. Espera-se que este seja complementado pelo *Virginia SSW*, que operará com veículos não tripulados e veículos operados remotamente. Para a Marinha dos EUA, o projeto é prioritário devido à possibilidade de aumentar suas capacidades ofensivas e defensivas para a guerra submarina.

A operacionalidade submarina volta-se à proteção dos interesses comerciais e de segurança estadunidenses nos oceanos Atlântico e Pacífico, com destaque para os cabos

submarinos. Estes representam cerca de 95% do tráfego da internet global ([Boletim 137](#)) e, por sua utilização como fonte de inteligência, tornam-se vulneráveis à espionagem ou ataques cibernéticos. Segundo a Estratégia Nacional de Segurança dos EUA de 2022, a competição com a China é um fator central à proteção dos interesses estadunidenses, e os cabos submarinos estão no centro dessa competição tecnológica pela importância econômica, estratégica e militar global. Há de se destacar a cooperação da Marinha com a *SubCom*, empresa estadunidense de cabos submarinos, na expansão da rede mundial de telecomunicações sob proteção do país. A estratégia de Washington envolve o direcionamento de projetos desses cabos para zonas fora da influência de Pequim, como o projeto *SeaMeWe-6*, conectando a Ásia à Europa, via África e Oriente Médio.

O desenvolvimento do *Virginia SSW* explicita a preocupação estadunidense com a proteção de ativos submarinos, além do aumento de capacidades para competição internacional no leito oceânico. As ações da Marinha dos EUA voltam-se à centralização da vigilância dos cabos submarinos, as quais perpassam comunicações civis e militares com países aliados. Portanto, as inovações tecnológicas aplicadas à construção naval mostram-se essenciais para o desenvolvimento de vantagens duradouras em apoio direto à segurança nacional.



O paradoxo do desenvolvimento diante do projeto energético senegalês

Isadora Jacques

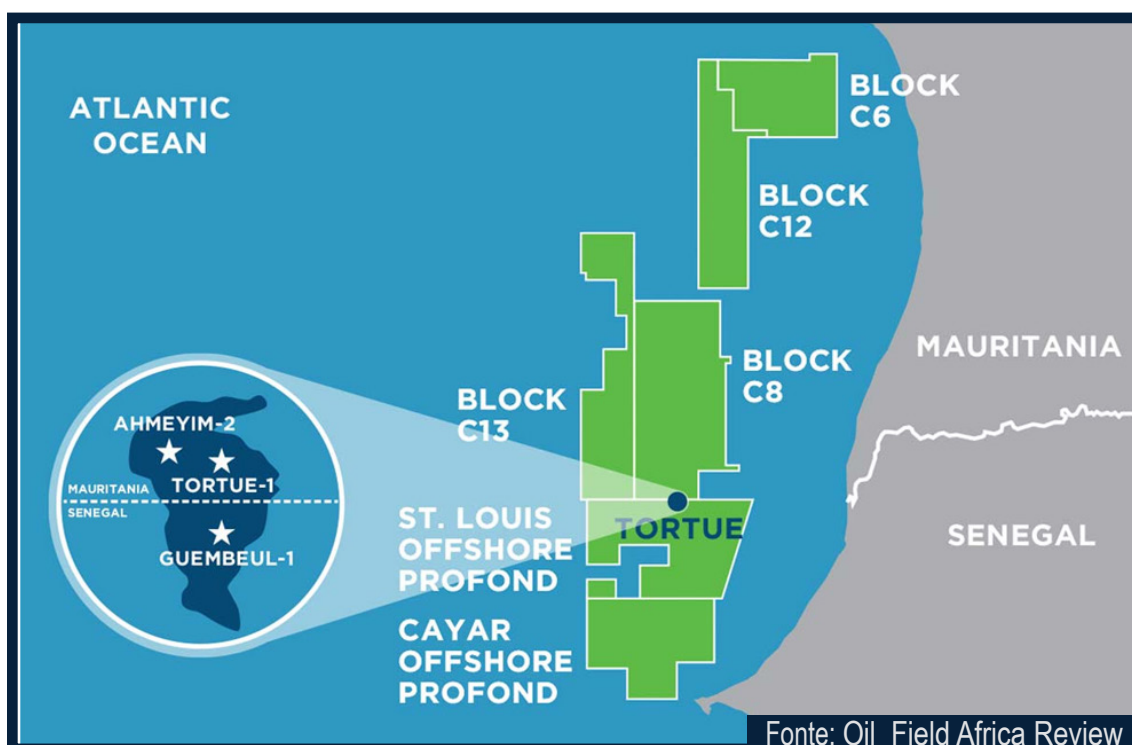
O Senegal, país da África Ocidental, enfrenta grande instabilidade em função de sua frágil economia, motivada pelo enfraquecimento da principal fonte de subsistência do país: a pesca. Para além das mudanças climáticas, da pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) realizada por países estrangeiros e da pandemia da COVID-19, os moradores locais enfrentam as circunstâncias dos novos projetos de exploração de gás natural liquefeito (GNL) na região costeira senegalesa. É necessário questionar, portanto, se empreendimentos no setor energético justificam impactos negativos na economia de subsistência de um Estado.

A economia do Senegal é fortemente ligada à atividade marítima, de modo que a pesca contribui com 3,2% do seu Produto Interno Bruto e 10,2% das exportações, conforme relatório de 2022 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Para além da balança comercial, a pesca faz parte da economia e da cultura tradicional local. Entretanto, após o início da exploração do gás natural na costa senegalesa, as comunidades ribeirinhas tiveram restrições ao acesso às áreas férteis de pesca, com impactos consequentes na subsistência das famílias.

O acordo comercial em questão contempla a exploração das reservas do hidrocarboneto *offshore* entre Senegal e Mauritânia pelas empresas *BP* e *Kosmos*

Energy até o final de 2023, que deve produzir cerca de 2,3 milhões de toneladas de GNL por ano. O objetivo é beneficiar a economia de forma mais ampla, estimulando a aquisição de produtos locais, desenvolvendo a força de trabalho e apoiando o desenvolvimento sustentável da região. Entretanto, essa não é a realidade, visto que as comunidades locais sofrem com a escassez da pesca, tornando-se economicamente vulneráveis e passando por riscos em sua segurança alimentar. Com essas perspectivas, algumas das alternativas dos senegaleses para a garantia da subsistência têm sido ingressar em grupos armados insurgentes ou na prostituição.

A exploração de hidrocarbonetos na costa do Senegal demonstra a necessidade da análise de riscos econômicos, sociais e ambientais. Apesar de as autoridades do país reconhecerem a vulnerabilidade econômica da população costeira, elas atribuem o fenômeno aos problemas pré-existentes e à pobreza generalizada – não diretamente ao projeto de GNL. Dessa forma, os empreendimentos planejados para a promoção do desenvolvimento socioeconômico nacional podem contribuir paradoxalmente para mudanças prejudiciais à população, por não estarem atrelados às políticas sociais que visam à diminuição da desigualdade e da pobreza de forma sustentável.



Reflexos geopolíticos da primeira Estratégia de Segurança Nacional alemã

Millene Santos

No dia 14 de junho de 2023, o governo de Olaf Scholz revelou a primeira Estratégia de Segurança Nacional alemã (NSS, no original). Esse documento é resultado da necessidade de desenvolver uma nova política externa e de Defesa frente aos desafios impostos pelo momento da política mundial, o *Zeitenwende* (Boletim 180). A Estratégia descreve a relevância alemã em meio às mudanças globais de poder e define a política de Segurança de forma abrangente, estabelecendo um equilíbrio entre a postura conciliatória e a abordagem mais assertiva no novo cenário de poder global. Dessa forma, questiona-se: como essa tentativa de estabelecer uma postura conciliatória impacta na posição internacional da Alemanha?

A princípio, percebe-se que a NSS reconhece a crescente rivalidade internacional ao identificar a Rússia como a maior ameaça à paz na área euro-atlântica — embora essa percepção seja temporária —, enquanto a China é vista como parceira, concorrente e rival sistêmica. Nesse sentido, a abordagem conciliatória busca manter canais de diálogo e cooperação com Moscou e Pequim, reconhecendo-os como parceiros importantes em questões globais. Com isso, cria-se um ambiente para a Alemanha exercer influência diplomática e buscar soluções colaborativas para desafios comuns. Ao mesmo tempo, a Estratégia reconhece os comportamentos sino-

russos mais assertivos em níveis regional e internacional. Essa abordagem destaca preocupações com as ameaças representadas por esses países e ressalta a necessidade de se estar preparado para enfrentá-las. Isso pode incluir o fortalecimento das Forças Armadas, a promoção da segurança no continente europeu e o apoio à OTAN como principal garantia de proteção contra ameaças militares.

A NSS alemã, no entanto, tem dividido opiniões: a postura conciliatória do país tem sido bem recebida por alguns aliados, principalmente os que valorizam o engajamento diplomático, ao mesmo tempo em que levanta preocupações com a ideia de subestimação das ameaças representadas por Rússia e China, abalando a confiança estratégica. Nesse sentido, Berlim busca equilibrar interesses na Europa, atuando como mediadora entre países do Leste e do Norte com a necessidade de manter relações estáveis com Moscou e Pequim, mas que pode afetar sua liderança na União Europeia e em questões de segurança europeia.

Portanto, a NSS representa um esforço de balancear aspectos militares e diplomáticos ao tratar dos principais atores do sistema. Entretanto, esse equilíbrio entre a postura conciliatória e a abordagem mais assertiva pode ter impactos na confiança dos aliados, na influência da Alemanha na Europa e nas relações transatlânticas.

DOI 10.21544/2446-7014.n186.p08-09.

Novas descobertas de hidrocarbonetos romenos podem impulsionar o *downstream* europeu

Luiza G. Guitarrari

Há mais de um século, a Romênia tem sido um ator importante para a segurança energética europeia a leste. No âmbito do gás natural, o país detém uma das maiores reservas da União Europeia, estimada em 200 bcm (bilhões de m³). Segundo Relatório Estratégico da empresa austríaca *OMV* — a maior em operações no país —, o gás natural romeno pode ultrapassar sua produção de petróleo a partir de 2030, impulsionado por novas atividades *onshore* e *offshore*. Estimativas da empresa apontam que esse recurso representará 70% da sua produção de hidrocarbonetos, ante os 54% de 2020, potencializando o PIB romeno, previsto para crescer 4,3% até 2030. Diante disso, como a Romênia poderá impulsionar sua indústria de óleo e gás?

A empresa *OMV* é um forte *player* na exploração de hidrocarbonetos no Mar Negro, com operações em blocos na Bulgária e na Geórgia. Recentemente, na primeira

quinzena de junho, foram descobertos pela empresa três novos poços de óleo e gás *onshore* ao sul da Romênia, nas regiões de Oltenia e Muntenia, que acumulam mais de 30 milhões de boe (barris de óleo equivalente). Considerada a maior descoberta de hidrocarbonetos das últimas duas décadas, o volume corresponde a cerca de 75% da produção da empresa em 2022. Dias mais tarde, a *OMV* e a estatal romena *RomGaz* aprovaram o plano de desenvolvimento do primeiro projeto em águas profundas do país no bloco *Neptun Deep*: localizado a 160 km da costa, é considerado o maior projeto de gás do país, com capacidade para adicionar 100 bcm a partir de 2027.

Os novos projetos podem impulsionar igualmente o setor *downstream* europeu a partir da retomada de projetos de infraestrutura, como o gasoduto BRUA (Bulgária - Romênia - Hungria - Áustria), que pode escoar pouco mais de 4,4 bcm de gás por ano, além de

beneficiar países fronteiriços, como a Moldávia. Vale ressaltar que, em maio último, os governos moldavo e romeno assinaram um memorando de entendimento para expansão do gasoduto *Iasi-Ungheni-Chisinau*.

Em suma, as novas atividades podem mais do que quadruplicar a produção romena e tornar o país um exportador estratégico de petróleo e gás para o Centro e

o Leste Europeu, consolidando-o enquanto forte aliado na segurança energética europeia. A estimativa é de que, a partir dos primeiros volumes comerciais de gás em 2027, a Romênia possa romper com o monopólio de gás russo ao mesmo tempo em que amplia seu setor *downstream* com projetos de infraestrutura ligando blocos no Mar Negro ao sistema europeu.



DOI 10.21544/2446-7014.n186.p09-10.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Arábia Saudita e as mudanças diplomáticas com os Estados Unidos

João Gabriel Fischer Morais Rego

Nos últimos anos, a Arábia Saudita, um histórico aliado dos Estados Unidos (EUA) no Oriente Médio, tem se posicionado de forma pragmática, assim como outros Estados da região ([Boletim 185](#)), buscando garantir um equilíbrio geopolítico nas suas estratégias no que se refere às tensões entre Washington e Pequim. Desta forma, apesar de ser um parceiro estadunidense nos assuntos relacionados à Defesa, o país expandiu suas relações diplomáticas com a China. Neste cenário, esta análise aborda quais foram as mudanças estratégicas do posicionamento da Arábia Saudita nos assuntos que envolvem esses dois atores externos.

No que se refere à área econômica, no começo de junho deste ano, Washington e Riad se desentenderam em relação ao preço do petróleo no mercado internacional, ampliando o distanciamento entre os países e afetando os interesses em comum. Os EUA almejam manter o

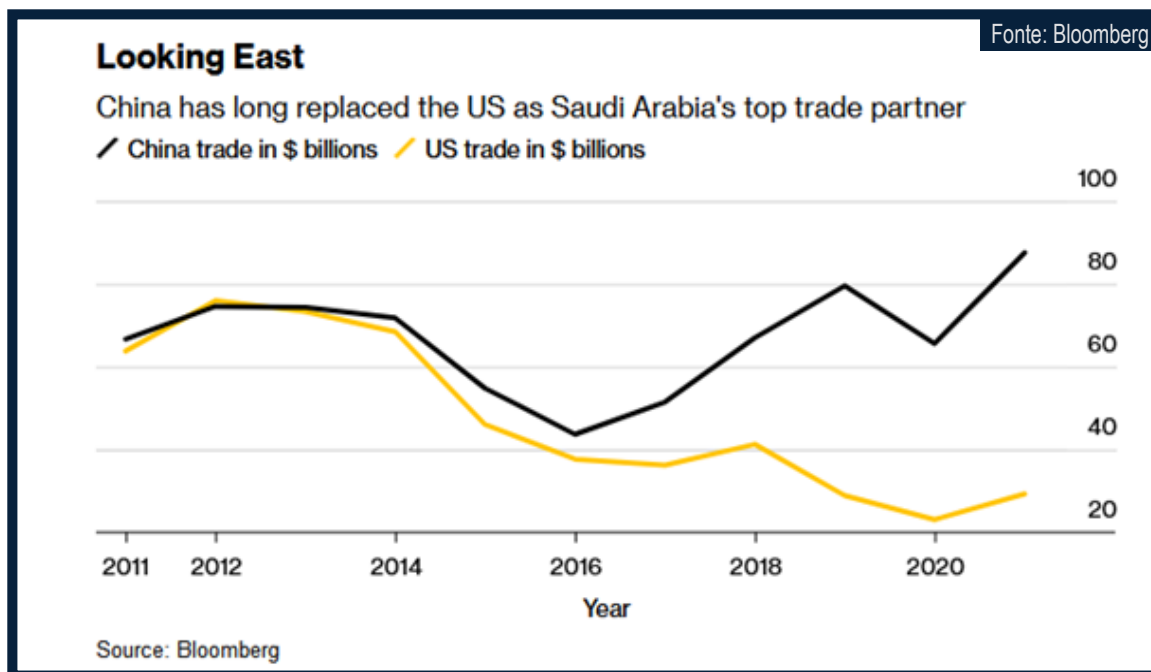
preço estável, devido aos efeitos das sanções econômicas impostas sobre a Rússia; já a Arábia Saudita, ao realizar um corte na sua produção petrolífera, provocou um aumento do preço da *commodity* e ampliou as receitas obtidas. Do ponto de vista estratégico e econômico, esta ação de Riad foi bem articulada e afetou os interesses estadunidenses.

Neste cenário, observa-se que os Estados Unidos têm presença e hegemonia impactadas na região, com esta perda de poder ocupada por uma maior influência da China. Pequim expande sua atuação pelo Oriente Médio, especialmente nas relações comerciais e energéticas. Segundo a agência *Reuters*, em 2021 o comércio bilateral entre China e Arábia Saudita alcançou US\$ 87,3 bilhões. No ano seguinte, ambos assinaram acordos em diferentes áreas, como energia limpa, tecnologia, transporte e logística, aprofundando laços diplomáticos e expandindo

a cooperação em distintos setores. Nesse sentido, o país árabe entende que, ao ampliar relações com Pequim, conseguirá atingir alguns dos seus objetivos econômicos e diplomáticos, como obter mais recursos financeiros para desenvolver suas operações, conter ações de rivais aos seus interesses e diminuir a dependência estadunidense.

Portanto, analisando esse cenário, a Arábia Saudita expandiu suas relações econômicas e diplomáticas com

a China, como uma estratégia que visa desde à obtenção de mais recursos financeiros até à diminuição de sua dependência em relação aos EUA, buscando outros parceiros estratégicos. Por fim, é uma alteração que apresenta consequências que podem promover ainda mais mudanças para Riad, para o Oriente Médio e para o mercado internacional.



DOI 10.21544/2446-7014.n186.p10-11.

Geopolítica do Gás Natural: a co-dependência entre Israel e Egito

Vitória França

Após descobertas de importantes recursos em águas próximas ao Egito e a Israel nas últimas duas décadas, a região do Mediterrâneo Oriental tem visto rápida expansão da produção de gás natural (GN). Nesse cenário, Israel vem se posicionando como líder regional na produção e exportação desse recurso, impactando profundamente sua economia e sua relação com países vizinhos. O aumento israelense na produção do hidrocarboneto nos últimos 10 anos foi notável, com um crescimento de 400% em relação à década anterior. Já o Egito, historicamente um grande produtor, desde fevereiro deste ano vê sua produção caindo para seu nível mais baixo em quase três anos, segundo dados da *Joint Organizations Data Initiative*, tornando o país dependente do gás israelense. Assim, cabe analisar como a relação entre esses países vem se moldando pela exploração energética.

O único grande mercado de exportação atual de Israel para seu gás *offshore* é o Egito, onde o recurso é usado para gerar eletricidade doméstica, liberando o gás

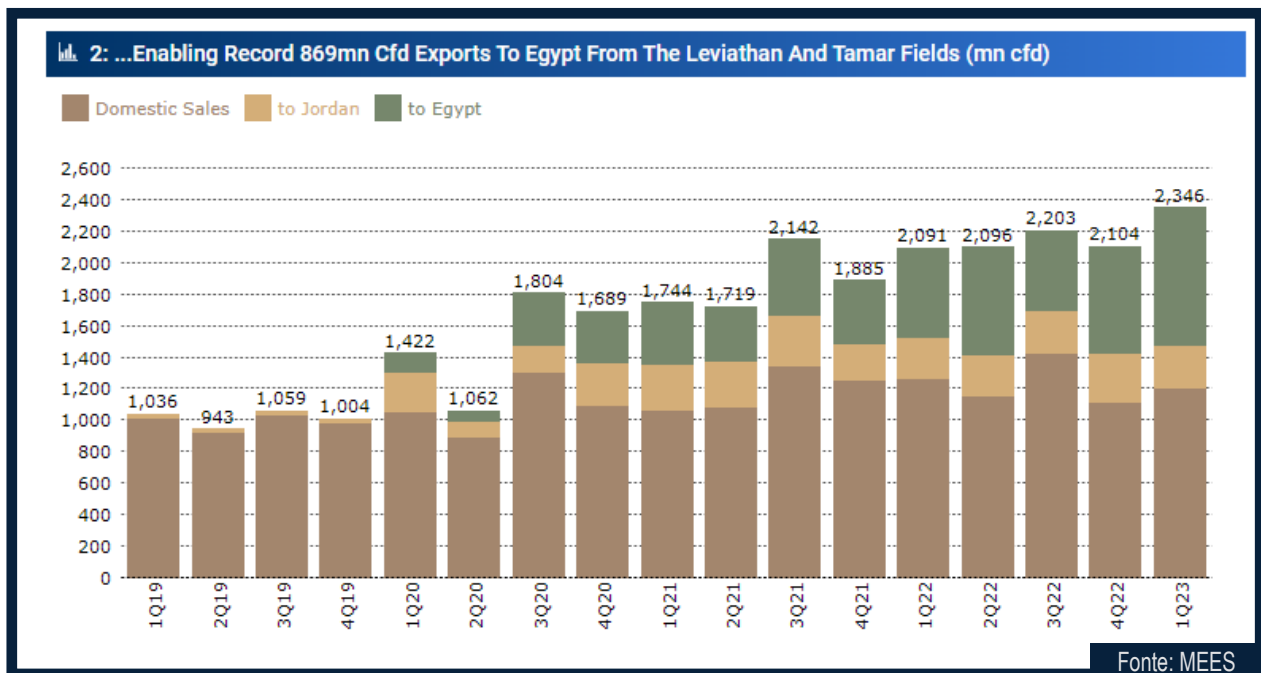
egípcio para o comércio internacional. Cairo começou a importar gás natural de Israel em 2020, inicialmente por meio do gasoduto do Mediterrâneo Oriental e, desde 2022, também pelo Gasoduto Árabe, aumentando as importações em 48,5%. Desde janeiro de 2023, um novo recorde de fornecimento foi estabelecido, com um total de 23,8 bcm (bilhões de m³). O aumento da importação é um indicativo da luta do país para sustentar altos níveis de consumo em um momento no qual tenta se posicionar como polo regional para o comércio de GN.

Para Israel, as perspectivas do setor de gás são promissoras. Sua capacidade de produção deve aumentar, em dois anos, cerca de 65% em relação aos níveis do final de 2022 devido aos planos de expansão para os campos de Tamar e Leviatã, às explorações de seu terceiro campo, Karish ([Boletim 170](#)) — em operação desde outubro passado — e do campo de Katlan, anunciado oficialmente em maio de 2023. Desse modo, o governo israelense, com ajuda do egípcio, espera que a diplomacia energética seja poderosa o suficiente para suavizar tensões

relacionadas aos palestinos.

Em suma, os laços estratégicos entre o Egito e Israel nunca foram tão próximos, compartilhando interesses que continuam a fornecer estabilidade. Pode-se concluir que o relacionamento é importante para ambos os lados: do ponto de vista egípcio, a relação se encaixa nos planos

de se tornar um importante e estável centro regional de GN. Jerusalém, por sua vez, vê essa colaboração como forma de amarrar a economia egípcia a Israel, ganhando força e apoio regional.



DOI 10.21544/2446-7014.n186.p11-12.

LESTE ASIÁTICO

O papel japonês na expansão da OTAN no Indo-Pacífico

João Pedro Grilo

A cooperação entre o Japão e a OTAN iniciou-se de maneira informal e tímida em 1979. Essa integração entre Ocidente e Oriente passou por um processo de estreitamento nas décadas de 1990 e 2000 em meio a operações humanitárias conjuntas, sendo atualizada para uma cooperação com traços militares nos anos de 2010. A ascensão de novos desafios à ordem internacional liberal tanto na Europa como na Ásia, através das ações belicosas russas e chinesas respectivamente, e a subsequente narrativa de que ambas as ameaças se retroalimentam, apresentam-se como um plano de fundo favorável a uma aproximação mais intensa entre Tóquio e a OTAN. Portanto, o presente texto busca analisar quais os possíveis benefícios que tal aproximação pode trazer ao Japão no atual contexto geopolítico.

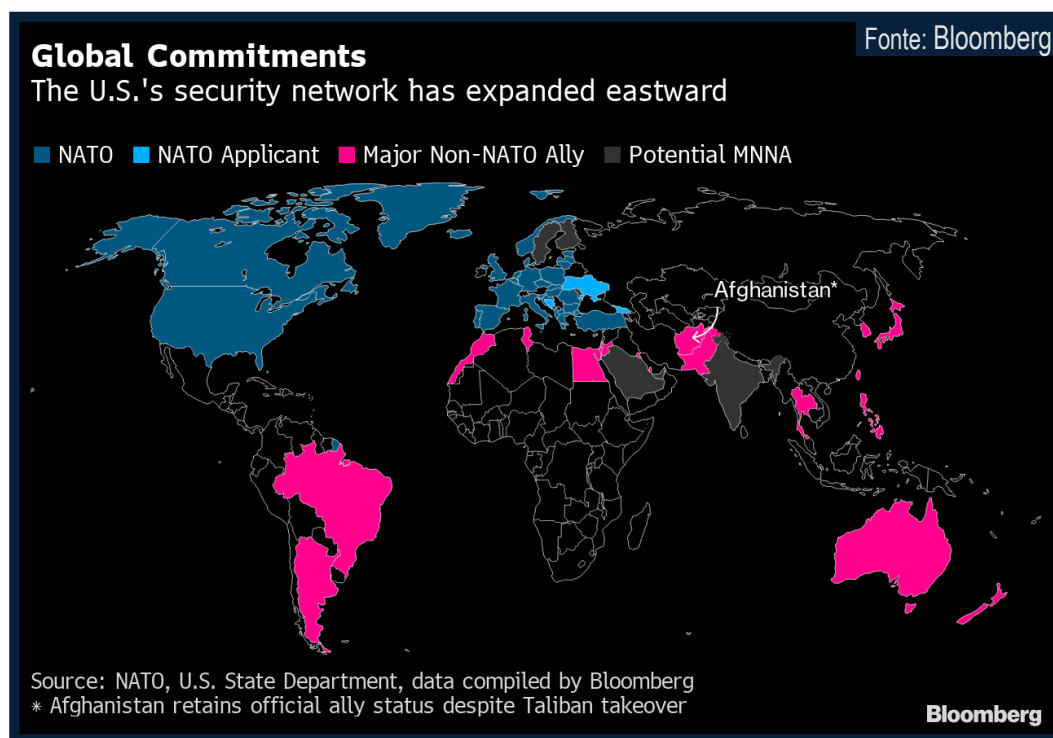
A relação entre Tóquio e OTAN ganhou destaque após a participação japonesa, como observador, no maior exercício aéreo já realizado pela OTAN, no dia 23 de junho de 2023. Tal ocorrido é consequência do estreitamento de laços iniciado com a visita do secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, ao Japão, em janeiro. Esse movimento reflete a maior preocupação da organização com a região

do Indo-Pacífico e seu interesse em aproximar-se dos países alinhados aos valores liberais da região, como o Japão e a Coreia do Sul. Assim, a participação japonesa em exercícios militares da OTAN, e vice-versa, será uma constante busca para aumentar a interoperabilidade de ambas as forças, principalmente no campo de segurança naval e cibersegurança, de acordo com os novos termos adicionados ao *Individual Partnership and Cooperation Program* (IPCP) após a visita do secretário ao Japão.

Adicionalmente, a OTAN pode ser usada pelo país asiático como um canal de comunicação com governos europeus, centralizando as discussões relacionadas à segurança em um único local. Dessa forma, Tóquio conseguiria compartilhar de forma mais eficiente suas preocupações regionais, bem como sua visão de como abordá-las, consolidada na sua estratégia de *Free and Open Indo Pacific* (FOIP) ([Boletim 136](#)). Isso torna-se mais relevante principalmente pela possibilidade de garantir uma confluência, tanto ideológica como estratégica, entre a FOIP japonesa e suas variantes surgidas em diversos países membros da OTAN, como o Canadá e o Reino Unido. Consequentemente,

o Japão conseguiria ganhos materiais, por meio das ações militares supracitadas, e ideológicos, com maior influência na formação da agenda de segurança da

própria OTAN que, gradualmente, move seu eixo para o Indo-Pacífico.



DOI 10.21544/2446-7014.n185.p13.

Xi Jinping e o fortalecimento das Forças Armadas chinesas diante da disputa geoeconômica global

Filipe Porto

Desde que Xi Jinping assumiu o controle da Comissão Militar Central (CMC) da China, em 2013, iniciou-se um processo de reformas para transformar o Exército de Libertação Popular (ELP) em uma "força de padrões de classe mundial" até 2035, direcionada principalmente, por uma série de discursos compilados em um guia aos militares intitulado "Pensamento de Xi Jinping sobre o fortalecimento das Forças Armadas". Em julho último, em um novo discurso durante visita ao Teatro do Comando Oriental do ELP, o Premiê chinês declarou que o país deve se preparar e desenvolver prontidão para uma guerra, visando fortalecer o Partido Comunista Chinês (PCCh). O que isso revela sobre a organização do ELP e a abordagem chinesa sobre segurança e defesa?

Em primeiro lugar, pode-se notar a perda de autonomia do ELP no gerenciamento dos assuntos militares. Desde a reforma de abertura iniciada por Deng Xiaoping na década de 1970, a relação entre o PCCh e o ELP foi marcada por notável estabilidade, possibilitada pelo que é conhecido como "Conformidade Condicional", processo de barganha e equilíbrio entre elites civis e militares. As reformas iniciadas por Xi Jinping marcaram um afastamento da prática de conformidade condicional e limitaram as relações entre o partido, civis e militares.

Em segundo lugar, o acirramento da disputa

geoeconômica entre a China e os Estados Unidos, principalmente no Estreito de Taiwan, vem atraindo maior atenção ao desenvolvimento do Comando do Teatro Oriental, que tem a tarefa de exercer o controle do estreito. A nomeação de oficiais com experiência militar e que demonstraram lealdade e confiança ao longo da trajetória política do Primeiro Ministro, como Zhang Zhongxun, atualmente Vice-Presidente do CMC, e o general He Weidong, comandante do Teatro Oriental, sugerem as linhas gerais de Xi Jinping para formulação da estratégia de contingência de Taiwan. Desde as nomeações, os exercícios no estreito se intensificaram, seguidos pelas diversas visitas de políticos estrangeiros a Taipei.

Por fim, é importante ressaltar que o líder chinês tem frequentemente enfatizado um discurso sobre um mundo de "turbulências, mudanças e incertezas", que desestabiliza a conjuntura doméstica da China: ameaças externas, na visão do PCCh, são ameaças à legitimidade do regime chinês e, conseqüentemente, prioridades na política de defesa e segurança do país. Em um contexto de interdependência complexa do comércio global, no qual as cadeias globais de valor estão concentradas em grande parte na China, ou dependem do país — em alguma medida —, tal ameaça se torna ainda mais evidente.

DOI 10.21544/2446-7014.n186.p13.

Autossuficiência e segurança: os avanços da indústria naval indiana

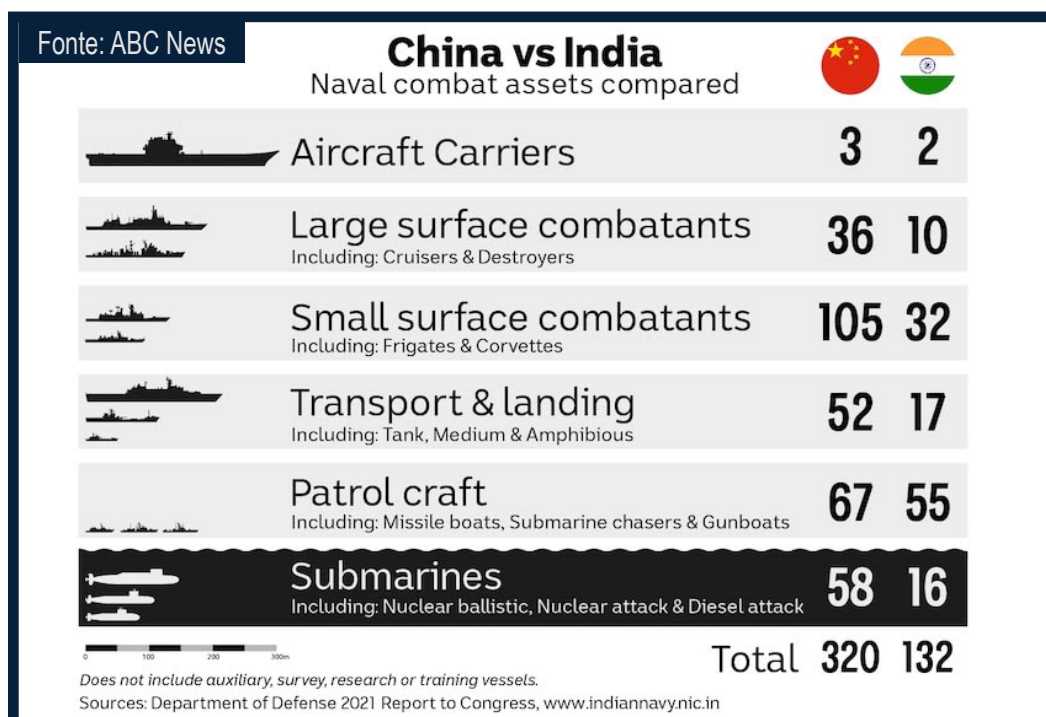
Maria Fernanda Császár

No último mês de junho, a Marinha indiana realizou uma operação notável no Mar Arábico envolvendo seus dois porta-aviões – *INS Vinkrant* e *INS Vikramaditya* – e com emprego de cerca de 35 aeronaves. Esse exercício é resultado direto dos esforços indianos em buscar uma indústria bélica independente e competitiva, além de demonstrar a capacidade da Índia de se estabelecer no Oceano Índico perante seus vizinhos. Diante disso, é importante considerar a relevância desses acontecimentos para a Índia e o Sul da Ásia.

Primeiramente, a indústria de Defesa indiana, especialmente no setor naval, tem vivenciado um rápido crescimento impulsionado pelo princípio conhecido como *Aatmanirbhar Bharat*, que significa “Índia autossuficiente”, e tem incentivado a pesquisa e desenvolvimento de tecnologias nacionais. Para Nova Déli, a autossuficiência engloba diversas esferas da segurança nacional, envolvendo tanto questões econômicas, a exemplo das exportações do setor de Defesa, quanto a capacidade de não depender de outras potências, notadamente a Rússia, para garantir sua segurança. Um dos resultados dessa política é o próprio *INS Vinkrant*, o primeiro porta-aviões produzido majoritariamente em território indiano, e a crescente demanda por outros, dessa vez produzidos integralmente na Índia.

Além disso, a construção e utilização de porta-aviões representam aspectos fundamentais da geoestratégia indiana para o Oceano Índico: devido à sua configuração peninsular, o país enfrenta o desafio de dois litorais distintos; outro fator geográfico que reforça a necessidade de uma estratégia dual é a proximidade com os vizinhos China e Paquistão, que possuem a capacidade de se projetar sobre as costas Oeste e Leste. Nesse contexto, é fundamental possuir embarcações com alta mobilidade e autonomia para efetuar missões de longa duração. Para atender a essa demanda, a Marinha da Índia historicamente buscou promover uma estratégia com dois porta-aviões, conseguindo assim projetar seu poder sobre as duas costas e protegê-las simultaneamente no caso de um eventual conflito.

Dessa forma, Nova Déli demonstra a ênfase por sua modernização naval. Em acordo com a tendência global de aumentar os orçamentos de Defesa, a Índia tem advogado internamente por mais tecnologia de ponta em sua infraestrutura militar, como submarino de propulsão nuclear e mais aeronaves do tipo multipropósito. A potência asiática reconhece que, para defender seus interesses nacionais, é preciso garantir o pronto uso da força, o que só é possível através de uma indústria bélica forte e independente.



AUKUS e a indústria de construção naval: o que esperar após a entrega dos submarinos contratados?

Thayná Fernandes

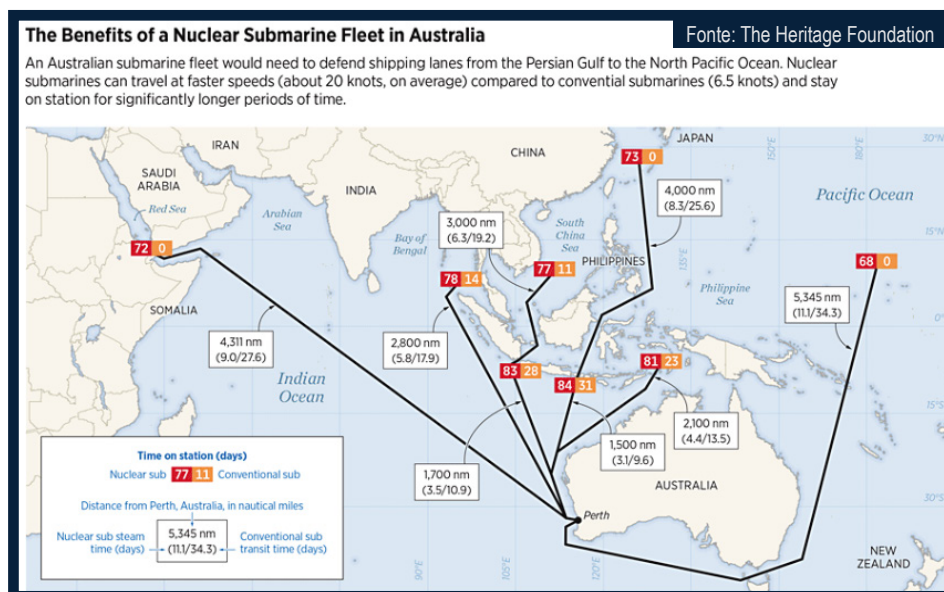
O acordo AUKUS para aquisição e desenvolvimento de submarinos de propulsão nuclear à Austrália, junto aos Estados Unidos (EUA) e ao Reino Unido, vem impulsionando Camberra a desenvolver suas capacidades de manejo deste tipo de tecnologia: no início de julho, pela primeira vez submarinistas australianos se formaram na Escola de Energia Nuclear da Marinha dos EUA; na mesma semana, a Agência Australiana de Submarinos (ASA, em inglês) iniciou suas operações. Embora sejam realizações importantes, há algumas incertezas: o diretor geral da ASA, Vice-Almirante Jonathan Mead, esclareceu que dos três (ou mais) *SSN Virginia* que a Austrália irá adquirir ([Boletim 179](#)), apenas um será novo, enquanto os outros dois serão transferidos da Marinha estadunidense com 20 anos de vida útil restantes. Ainda, estes submarinos já estão inclusos na composição da futura classe *SSN-AUKUS*, cujo número de embarcações pode variar de acordo com os próximos governos. Considerando esse cenário, é vantajoso a Camberra investir robustamente em sua indústria de construção naval?

Uma das argumentações dos estadistas australianos sobre as vantagens do AUKUS é o desenvolvimento da indústria de Defesa nacional, criando postos de trabalho e tornando a Austrália fornecedora de materiais aos programas homólogos dos EUA e do Reino Unido. Contudo, embora o contrato inicial estipule o desenvolvimento de oito embarcações, caso os australianos adquiram mais submarinos, diminuindo o número previsto para construção local, o que fazer, para além de manutenções, com os estaleiros criados para a construção dos submarinos após estes serem entregues?

Como agir diante da provável diminuição da mão de obra especializada?

Analisando-se o quadro de segurança no entorno da Austrália, os países do Sudeste Asiático seriam clientes interessantes para preencher os estaleiros australianos. As Filipinas, além do Mar do Sul da China, possuem interesses em outras regiões marítimas do entorno e pretendem obter submarinos ([Boletim 185](#)). A Tailândia tem acordo com os chineses para aquisição de três *Type S26T*; a Indonésia tem contrato com a Coreia do Sul para seis *Nagapasa-class*; Cingapura adquiriu cinco submarinos alemães *Type 218SG*. É possível que estes ou outros países do entorno renovem suas esquadras ou modifiquem seus programas; nesse sentido, a Austrália tem potencial para se colocar como fornecedora. Aos contratantes, devido à proximidade geográfica, os custos seriam menores do que os europeus, além de ser uma alternativa diferente de Pequim e Seul. Para Camberra, novos contratos poderiam preencher a capacidade ociosa de seus estaleiros e causar menos impacto em relação à mão de obra.

Em suma, embora projetos navais sejam importantes aos países com vasta extensão marítima e interesses em regiões estratégicas, como é o caso da Austrália, essas decisões precisam visualizar também o longo prazo para além da entrega das embarcações contratadas, pois, após o fim dos acordos, o grande investimento em infraestrutura pode ficar subaproveitado. Ampliar as parcerias e capacitar-se para se tornar um fornecedor confiável pode ser uma solução ao caso australiano, e comparativamente, alinha-se ao caso brasileiro, após a finalização do PROSUB.



União Europeia está próxima de regulamentar o uso de Inteligências Artificiais

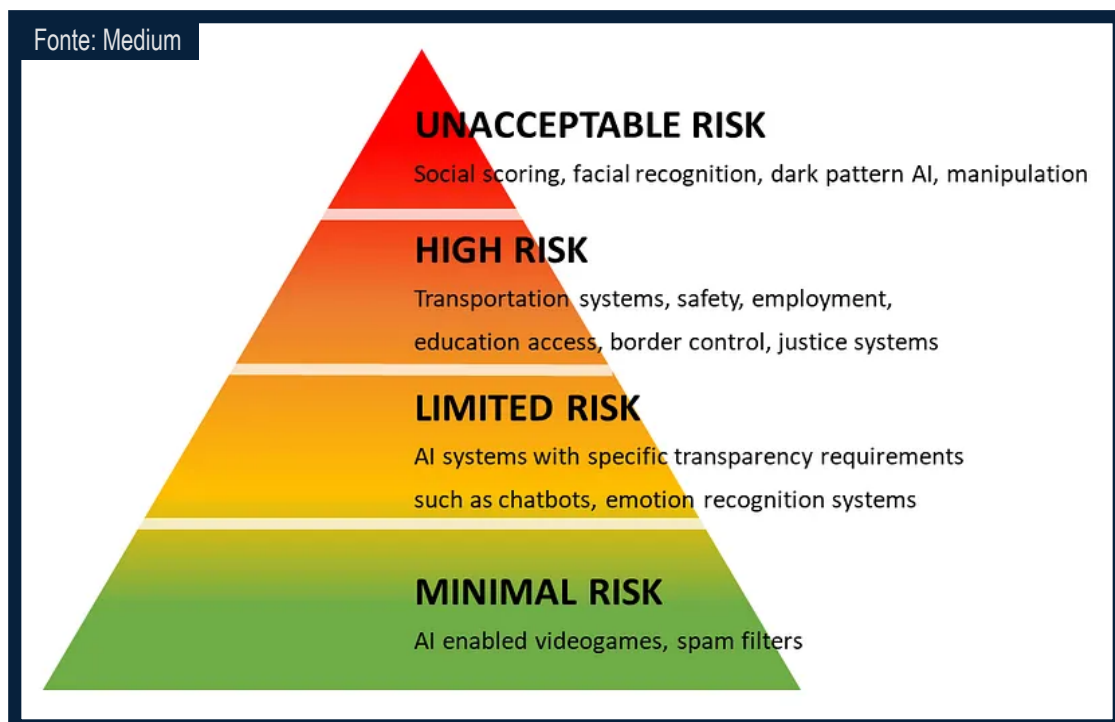
Victor Magalhães Longo

No dia 14 de junho de 2023, os membros do Parlamento Europeu aprovaram com ampla maioria o *Artificial Intelligence Act*. O projeto, que agora deve ser debatido no Conselho da União Europeia, tem por objetivo criar a primeira lei que vai regulamentar a utilização de sistemas de Inteligência Artificial (IAs). Com o uso cada vez mais frequente desses sistemas por empresas e governos, é esperado que nos próximos anos sua regulamentação seja tema do debate público em diversas nações. Por isso, é importante compreender de que maneira as IAs podem afetar negativamente a vida das pessoas e qual a proposta da União Europeia para regulamentá-las.

Embora estejamos consumindo (e sendo consumidos por) modelos de IAs há muitos anos, sua existência frequentemente não é percebida. Tais modelos já são usados para inúmeras finalidades, como a detecção de doenças e a segmentação de clientes. Entretanto, modelos também estão sendo utilizados em atividades que podem ameaçar ou violar direitos fundamentais, como vigilância em tempo real, sistemas de crédito social ou mesmo predição de reincidência criminal. Há um enorme perigo nisso: em quase todos esses casos há pouca ou nenhuma responsabilização pelos resultados do uso das IAs, que muitas vezes replicam preconceitos, fazem generalizações injustas ou são simplesmente equivocados já nas suas concepções.

O projeto da União Europeia, na sua forma atual, classifica os sistemas de IAs em três níveis de risco. O de mais alto é o “risco inaceitável”: sistemas de crédito social operados pelos governos (como já ocorre na China), vigilância biométrica *real-time* e policiamento preditivo serão completamente proibidos. O segundo nível, denominado “alto risco”, como seleção de candidatos para empregos, que deverá seguir regulamentações de transparência e responsabilização. Já os de “baixo risco”, como algoritmos de recomendação, terão pouca ou nenhuma regulamentação. O balanço que os reguladores almejam alcançar é proibir aplicações injustas e abusivas das IAs, sem, ao mesmo tempo, impedir seu desenvolvimento para aplicações positivas.

Embora a União Europeia não esteja na ponta tecnológica da IA (esse papel é dos Estados Unidos e da China), o bloco tem um histórico bem sucedido de criar leis que influenciam diversos países do mundo, inclusive o Brasil, cuja Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais foi fortemente influenciada pela *EU’s General Data Protection Regulation*. Assim como qualquer tecnologia disruptiva, a Inteligência Artificial tem o potencial de tanto causar um gigantesco impacto positivo, quanto gerar terríveis injustiças. A realização desse potencial será guiada pelas decisões que serão tomadas daqui em diante.



- ▶ [India Is Becoming a Power in Southeast Asia](#)
FOREIGN POLICY, Derek Grossman
- ▶ [Conflict in Ukraine and Nuclear Weapons](#)
GLOBAL AFFAIRS, Dmitry V. Trenin
- ▶ [Analyzing China's Escalation after Taiwan President Tsai's Transit through the United States](#)
CSIS, Bonny Lin, Brian Hart, Samantha Lu, Hannah Price e Matthew Slade
- ▶ [Geography, Bureaucracy, and National Security: The Legacies of the Cold War and Post-Cold War Periods](#)
FOREIGN POLICY RESEARCH INSTITUTE, Nikolas K. Gvosdev e Derek S. Reveron
- ▶ [IMO's 2023 Revised GHG Strategy: Next Steps](#)
gCAPTAIN, Barry Parker

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

JULHO

Principais eventos de 13 a 27 de Julho

14



INDONÉSIA
30º FÓRUM REGIONAL DA
ASEAN

14-18



ÍNDIA
REUNIÃO DO G20 COM
MINISTROS DAS FINANÇAS
EGOVERNADORES DO
BANCO CENTRAL

17-18



BÉLGICA
CÚPULA ENTRE CELAC E
UNIÃO EUROPEIA 2023

18



REINO UNIDO
REUNIÃO DO CONSELHO DE
SEGURANÇA DA ONU SOBRE
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

23



ESPAÑA
ELEIÇÕES GERAIS

23



CAMBOJA
ELEIÇÕES GERAIS

25-26



EUA
REUNIÃO DO *FEDERAL*
RESERVE

27-28



RÚSSIA
2º CÚPULA RÚSSIA-ÁFRICA

REFERÊNCIAS

- **Suriname: descobertas de novas reservas de petróleo ampliam interesse o internacional**
CAVCIC, Melisa. [Suriname calling as two offshore blocks open country's exploration doors for QatarEnergy](#). *Offshore Energy*, 09 maio 2023. Acesso em: 05 jun. 2023.
CAVCIC, Melisa. [TotalEnergies racks up 'substantial resources' for potential oil development off Suriname](#). *Offshore Energy*, 09 fev. 2023. Acesso em: 05 jun. 2023.
- **Os efeitos da seca no Canal do Panamá**
MORENO, Elida. [Panama Canal Postpones Depth Restrictions after Much-needed Rain](#). *Reuters*, 23 jun. 2023. Acesso em: 06 jul. 2023.
[Panama Canal Delays Draft Restrictions but Lowers Number of Transits](#). *Maritime Executive*, 26 jun. 2023. Acesso em: 06 jul. 2023.
- **Inovações submarinas da Marinha dos EUA para a Segurança Nacional**
MEYER, Josh. [US Navy's plan for seabed warfare includes billions for spy submarine](#). *USA TODAY*, 23 mai. 2023. Acesso em: 30 mai. 2023.
SUTTON, H. [U.S. Navy To Get New Unique Submarine: Virginia SSW](#). *Naval News*, 20 abr. 2023. Acesso em: 30 jun. 2023.
- **O paradoxo do desenvolvimento diante do projeto energético senegalês**
[Millions left with no aid as West Africa suffers worst hunger crisis in 10 years](#). *Africa News*, 06 jul. 2023. Acesso em: 07 jul. 2023.
[Senegal gas project drives locals to desperation](#). *Africa News*, 14 abr. 2023. Acesso em: 07 jul. 2023.
- **Reflexos geopolíticos da primeira Estratégia de Segurança Nacional alemã**
SCHREER, Ben. [Germany's first-ever National Security Strategy](#). *IISS*, 20 jun. 2023. Acesso em: 23 jun. 2023.
GIELOW, Igor. [Guerra da Ucrânia faz Alemanha adotar política de defesa inédita](#). *Folha de S. Paulo*, 14 jun. 2023. Acesso em: 23 jun. 2023.
- **Novas descobertas de hidrocarbonetos romenos podem impulsionar o downstream europeu**
[OMV Petrom and Romgaz announce the decision to develop Neptun Deep, the largest natural gas project in the Romanian Black Sea](#). *OMV Petrom*, 21 jun. 2023. Acesso em: 23 jun. 2023.
SZABO, Zsuzsanna; SEARANCKE, Russell. [Largest in decades: OMV Petrom hits a hat-trick with new crude oil discoveries](#). *Upstream*, 13 jun. 2023. Acesso em: 22. jun. 2023.
- **Arábia Saudita e as mudanças diplomáticas com os Estados Unidos**
MCSWEENEY, Eoin. [Saudi Arabia needs more than higher oil prices to fund its grand plans](#). *CNN*, 06 jun. 2023. Acesso em 22 jun. 2023.
[Factbox: Saudi-China energy, trade and investment ties](#). *Reuters*, 09 dez. 2022. Acesso em: 06 jul. 2023.
- **Geopolítica do Gás Natural: a co-dependência entre Israel e Egito**
ESPAÑOL, Marc. [Egypt's gas ambitions increasingly hinge on Israeli inflows](#). *Al Monitor*, 05 mai. 2023. Acesso em: 20 jun. 2023.
HENNESSEY, Zachy. [Israel's natural gas saved the economy over NIS 316b. in past decade](#). *The Jerusalem Post*, 21 jun. 2023. Acesso em 21 jun. 2023.
- **Papel japonês na expansão da OTAN no Indo-Pacífico**
GALIC, Mirna. [Navigating by Sun and Compass: Policy Brief One: Learning from the History of Japan-NATO Relations](#). *The Japanese Institute of International Affairs*, 11 jun. 2019. Acesso em 06 jun. 2023.
JOHNSON, Jesse. [Japan joins NATO members for massive air exercise as Russian and Chinese challenges loom](#). *The Japan Times*, 13 jun. 2023. Acesso em 06 jun. 2023.
- **Xi Jinping e o fortalecimento das Forças Armadas chinesas**
[Xi Focus: Xi urges Jiangsu to take lead in advancing Chinese modernization](#). *Xinhua*, 07 jul. 2023. Acesso em 07 jul. 2023.
[Full Text: China's National Defense in the New Era](#). *The State Council of The People's Republic of China*, 24 jul. 2019. Acesso em: 07 jul. 2023.
- **Autossuficiência e segurança: os avanços da indústria naval indiana**
MENON, Adithya Krishna. [Readiness And Future Of India's Aircraft Carriers](#). *Naval News*, 16 jun. 2023. Acesso em: 21 jun. 2023.
LENDON, Brad. [India demonstrates naval strength with dual aircraft carrier exercise, a feat China has yet to accomplish](#). *CNN*, 15 jun. 2023. Acesso em: 21 jun. 2023.
- **AUKUS e a indústria de construção naval: o que esperar após a entrega dos submarinos contratados?**
[AUKUS Submarine Workforce and Industry Strategy](#). *Government of Australia*, 14 mar. 2023. Acesso em: 05 jul. 2023.
FELTON, Ben. [Australian Submarine Agency Commences Operations](#). *Naval News*, 01 jul. 2023. Acesso em: 05 jul. 2023.
- **União Europeia está próxima de regulamentar o uso de Inteligências Artificiais**
[MEPs ready to negotiate first-ever rules for safe and transparent AI](#). *European Union*, 14 jun. 2023. Acesso em: 7 jul. 2023.
[The Artificial Intelligence Act](#). *Future of Life Institute*, 2023. Acesso em: 7 jul. 2023.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenia should withdraw its armed formations from Azerbaijan's Karabakh us experts](#). **MENA FN**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BURKINA FASO - Conflitos internos: [Burkina Faso: Ataque atribuído a radicais islâmicos deixa 22 mortos, sendo 18 civis](#). **VOA News**, 08 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- HAITI - Conflitos internos: **Em frente ao Conselho de Segurança, Guterres reitera apelo para envio de força internacional ao Haiti**. **UN News**, 06 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- IÊMEN - Conflitos internos: [Analysis: Fighting recedes, but peace in Yemen remains distant](#). **Al Jazeera**, 07 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon central bank deputies' threat to quit 'unpatriotic,' says minister](#). **Arab News**, 07 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- MALI - Conflitos internos: [West African Economic and Monetary Union lifts suspension of Mali](#). **Anadolu Agency**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- MIANMAR - Conflitos internos: [Myanmar in “deadly freefall” into even deeper violence, says Türk](#). **Office of the High Commissioner for Human Rights**, 06 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Out with the old, in with the new: Russia-Ukraine heavy weaponry balance may shift](#). **Alarabiya News**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- SÍRIA - Crise regional: [Car bombs kill eight in north Syria: monitor](#). **Arab News**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [The African Union Transition Mission in Somalia \(ATMIS\) officially hands over Forward Operating Bases to the Federal Government of Somalia](#). **African Business**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- SUDÃO - Conflito interno: [UN warns of ‘full-scale civil war’ in Sudan after weekend airstrike kills dozens](#). **CNN**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Wagner boss Prigozhin has returned to Russia, Lukashenko says](#). **The Guardian**, 06 jul. 2023. Acesso: 10 jul. 2023.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [La inseguridad en Ecuador escala a niveles históricos y se impone como prioridad del próximo Gobierno](#). **El País**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- ETIÓPIA - Crises internas: [Hunger haunts Ethiopia's Tigray region after years of war](#). **Reuters**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.
- ISRAEL - Crise regional: [Protests across Israel ahead of vote on judicial overhaul bill vote](#). **CNN**, 09 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Humanitarian issues in Congo need more of the world's attention](#). **The Nation**, 06 jul. 2023. Acesso em: 06 jul. 2023.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [La economía venezolana busca espacios para crecer entre el ‘efecto Chevron’ y el techo de la crisis política](#). **El País**, 09 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

► EM MONITORAMENTO:

• COREIA DO NORTE - Crise regional: [North Korea threatens to shoot down US spy planes](#). **Financial Times**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Nayib Bukele seeks to extend his time in power](#). **El País**, 09 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• ÍNDIA - Instabilidade social: [‘Foreigners on our own land’: ethnic clashes threaten to push India’s Manipur state into civil war](#). **The Guardian**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Civil Conflict in Libya](#). **Council on Foreign Relations**, 06 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines steps up patrols after spotting dozens of Chinese vessels in South China Sea](#). **Arab News**, 09 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Conflito em Cabo Delgado obriga à canalização de verbas](#). **DW**, 07 jul. 2023. Acesso em: 07 jul. 2023.

• NICARÁGUA - Crise política: [Ortega-Murillo Regime Uses New Repression and Control Methods](#). **Diálogo Américas**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• NIGÉRIA - Crises internas: [Recolher obrigatório no centro da Nigéria para travar violência](#). **Mundo ao Minuto**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• PAQUISTÃO - Crise sociopolítica: [Pakistan Cautiously Lauds Afghan Taliban's Moves to Counter Cross-Border Terrorism](#). **VOA**, 08 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• PERU - Crise sociopolítica: [In Peru, President Boluarte's government is blamed for human rights abuses](#). **NPR**, 07 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade social: [Rwanda’s Growing Role in the Central African Republic](#). **Crisis Group**, 07 jul. 2023. Acesso em: 07 jul. 2023.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Más de 200.000 migrantes han atravesado la selva del Darién en 2023](#). **Portafolio**, 06 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.

• TAIWAN - Tensões China-EUA: [Yellen hails ‘productive’ China talks, but tensions still close to surface](#). **The Japan Times**, 10 jul. 2023. Acesso em: 10 jul. 2023.